

QUEM FICA | JOÃO GIGANTE

MDOC - Festival Internacional de Documentário de Melgaço, organizado pela Câmara Municipal de Melgaço e pela Associação AO NORTE, tem como objetivo promover e divulgar o cinema etnográfico e social, refletir com os filmes sobre identidade, memória e fronteira e contribuir para um arquivo audiovisual e fotográfico da região.

Em 2019, Prado e Remoães, no concelho de Melgaço, foram as freguesias escolhidas para o projeto *Quem somos os que aqui estamos?*, coordenado por Álvaro Domingues e realizado em articulação com o Festival.

Quem Fica, de João Gigante, é o resultado de uma das atividades desse projeto, levado a cabo com o apoio da Câmara Municipal de Melgaço e da União de Freguesias de Prado e Remoães.

A Organização do MDOC

BIOGRAFIA

João Gigante, 1986, natural de Viana do Castelo, é licenciado em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes do Porto e realizou o Mestrado em Comunicação Audiovisual (Fotografia) na Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto. Mantém o seu percurso entre a prática das artes plásticas, tendo exposto o seu trabalho em diversas exposições no panorama artístico nacional e internacional e a prática de produção e organização de eventos e projectos artísticos e a projecção e organização de projectos de nível social e etnográfico, mantendo a sua característica artística e conceptual. O seu trabalho complementa as diferentes áreas de actuação plástica, como a fotografia, o vídeo, a sonoplastia, a instalação e o desenho. Desenvolve também projectos de cariz musical onde se destaca o projecto PHOLE. É também, fundador e director da Revista PARASITA (com Hugo Soares).

QUEM FICA

JOÃO GIGANTE

2019

O lugar onde nascemos torna-se muitas vezes um lugar de passagem, onde somamos partes daquilo que é o nosso modo de ser. Prado e Remoães são, para este trabalho fotográfico, como uma narrativa sobre a geografia do olhar, um pensamento sobre as modificações constantes do território, na sua forma e na relação entre quem o habita.

No trabalho de campo há um primeiro contacto com esta ideia de lugar de passagem para outro lugar. Pelas terras de Melgaço, “coleccionam-se” estradas que, ao longo do tempo, ditam a sua metamorfose cultural, social e económica. Enquanto autor, interessa-me pensar as pessoas que fizeram parte deste território; mas, também, nos dias de hoje, quem fica para recriar e desenhar as novas linhas que o definem, a orgânica e os movimentos diários que tornam esta geografia num espaço habitado. Dos mais novos aos mais velhos, existe uma necessidade de reinventar o dia a dia, a vida como um jogo diário de inter-relações.

Como escreve Liz Wells, a imagem fotográfica “opera topograficamente e metaforicamente”: “Quem fica” surge como um desenho da paisagem, uma inscrição narrativa do quotidiano. O foco está de forma ampla sobre as pessoas que desenvolvem e envolvem as suas vidas e os seus trabalhos dentro deste “jogo”. Três estradas, cafés, o alvarinho, a agricultura, os animais, as pessoas e tudo aquilo que estas acções, despertam num quotidiano activo e pensado pela necessidade.









































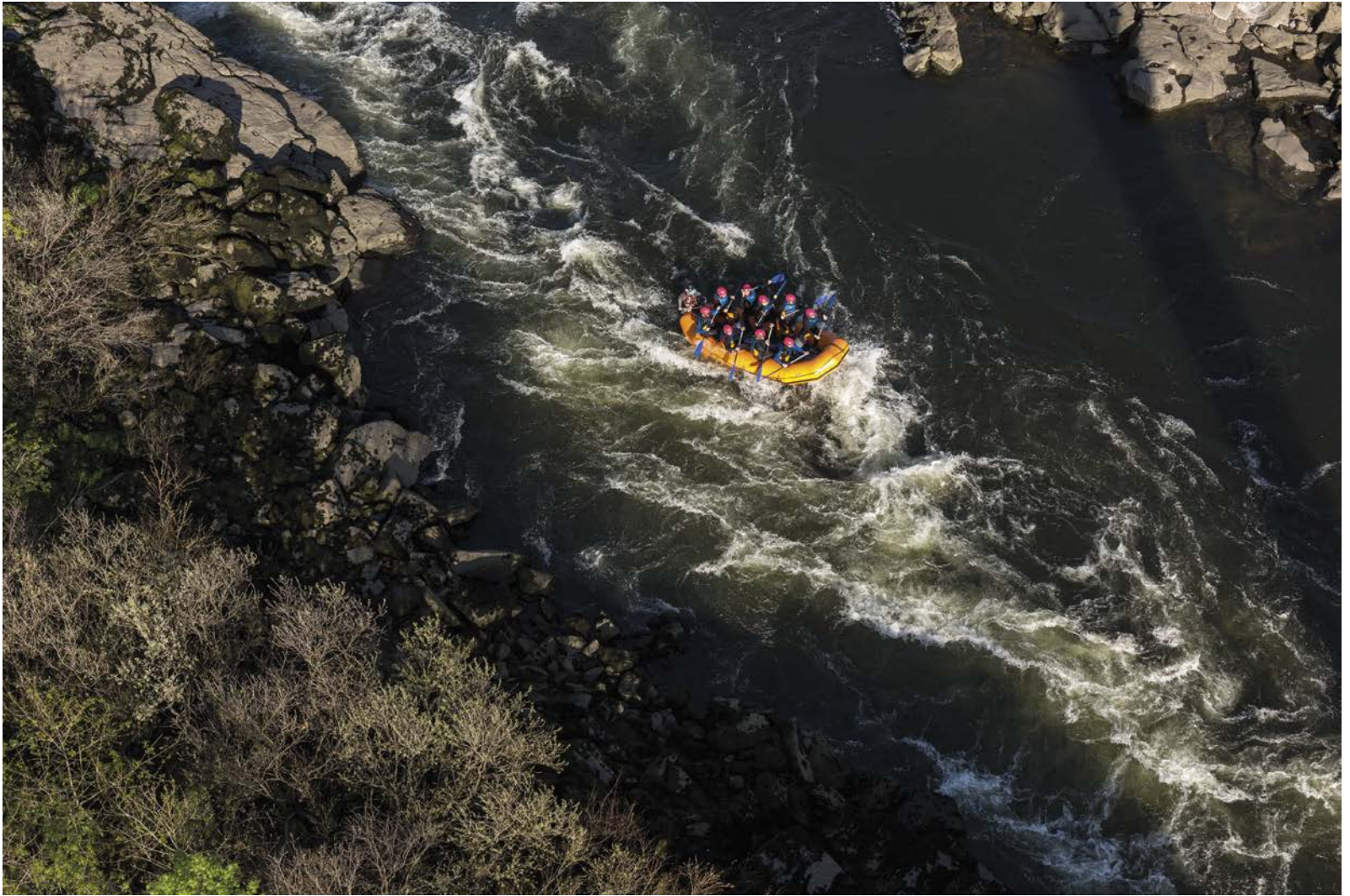




















112

P

WA
HS
BMC
Z





































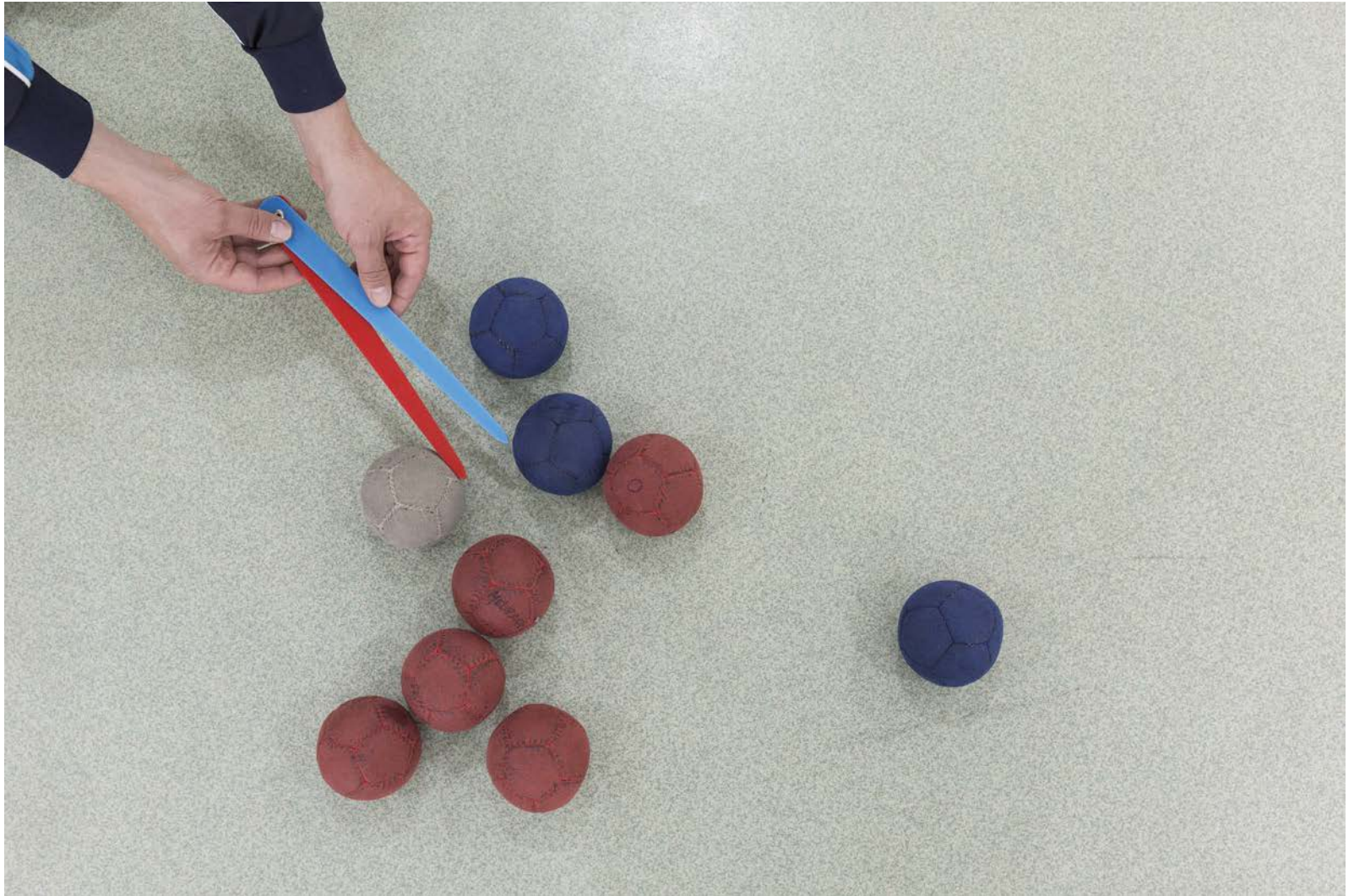


















Melgaco

Jéboas



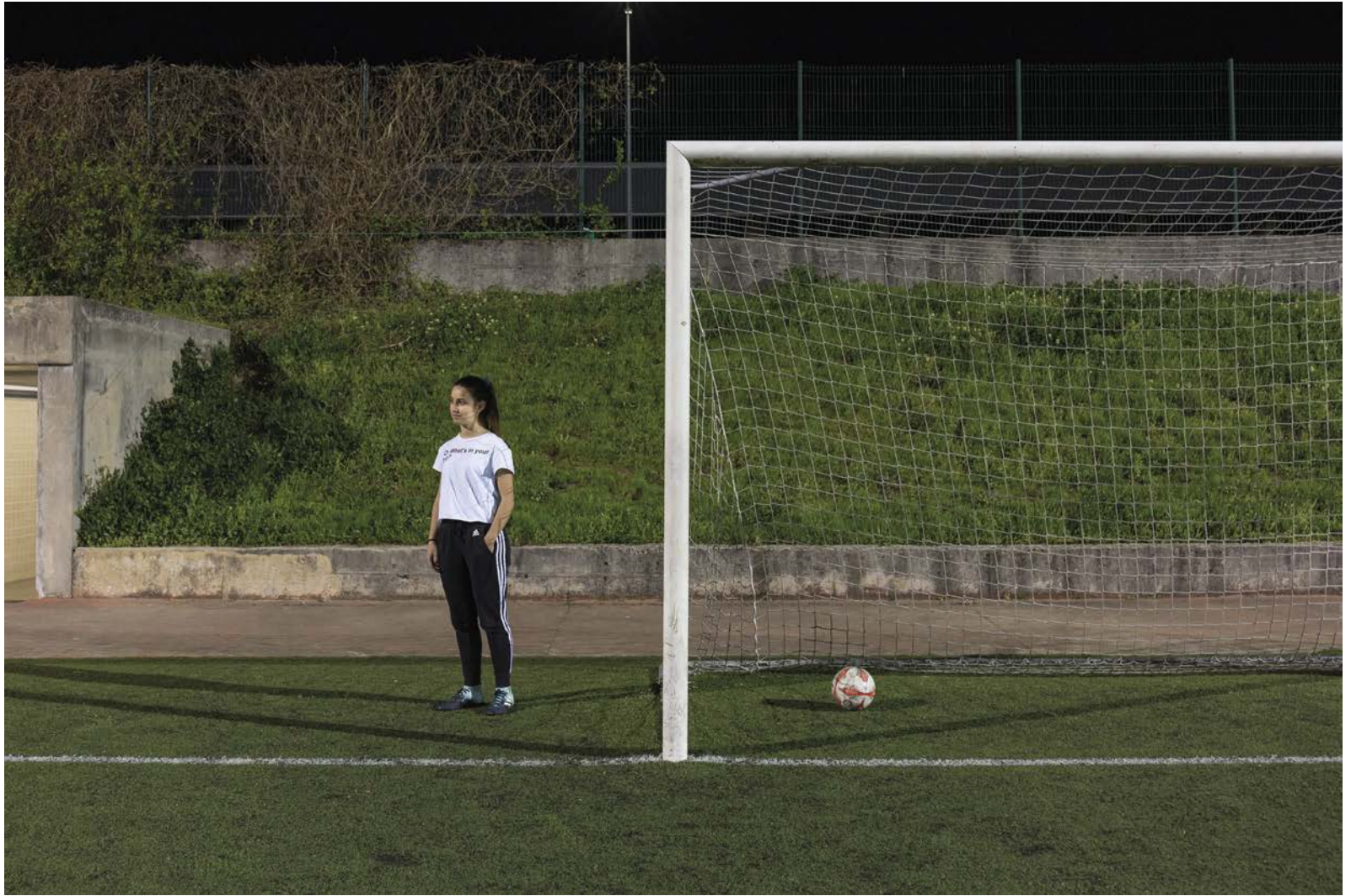
























































QUEM FICA | TEXTOS

QUEM SOMOS OS QUE AQUI ESTAMOS? ... ENTRE CAMINHOS DE PRADO E REMOÃES

ÁLVARO DOMINGUES



Entre a Vila e as termas do Peso, pelas terras baixas do vale do rio Minho, Prado e Remoães constituem-se como um conjunto de lugares espalhados ao longo de três vias: a mais antiga, provavelmente de origem romana, liga igrejas paroquiais e a velha capela de Stº Amaro; a segunda é uma estrada moderna por onde, no séc. XIX, se pensou construir a linha férrea de Monção a Melgaço; a terceira é uma via rápida recente. Com muitos pontos de ligação, as três são cruzadas por vias de menor importância no sentido perpendicular do rio.

Estamos em plena “ribeira” onde é ainda clara a arquitectura de uma paisagem feita de campos e socalcos, muros e caminhos, terras de cultivo onde a água de rega chegava à leira mais pequena onde se cultivava o milho e a vinha se dispunha em latadas na estrema das parcelas. O rio Minho corre encaixado entre penedos e pesqueiras e, por vezes, depósitos de coios, os seixos de pedras polidas que a corrente

foi moldando. Nas margens abruptas e no primeiro patamar de terra vermelha e pedregosa, estão os baldios, terras de mato e pastagem por longos tempos já passados. Hoje há hotéis, centros desportivos e escolas superiores.

Porque foi mais a gente do que a terra durante séculos de agricultura de subsistência, aqui também se emigrou, particularmente para o Brasil e, mais tarde, para França ou mais além. Da época de ouro das termas, ficaram algumas casas de veraneio e outras também de visitantes ocasionais. A julgar pelo que se vê, à emigração e ao desaparecimento da agricultura tradicional, seguiu-se o plantio do Alvarinho, mais importante na paisagem do que na economia local. Nem tudo é o que parece. Local é apenas o lugar onde localizamos o que vemos ou o que nos disseram que ali está. Se estendermos o assunto, a geografia será outra, bem mais dilatada. Há gente de Prado e Remoães pelas sete partidas do mundo, assim como vive cá gente de muitas terras e são muitos outros os que por aqui passam e permanecem mais ou menos tempo, dias ou anos.

Fica quase tudo por dizer nas palavras breves. A terra é pequena mas é variada a gente espalhada por inúmeros lugares.

Nas terras férteis da Ribeira não há propriamente aldeias. A aldeia corresponde a formas aglomeradas de povoamento e não é assim que as casas e os caminhos aqui se distribuem. As casas espalham-se ao longo da rede de estradas e caminhos, uns que se perdem na profundidade do tempo, outros que só muito recentemente passaram a existir ou se tornaram habitáveis. Por minúsculos que sejam, todos os campos e leiras têm nome, tal como as fontes, as bouças, os largos. Essa proliferação de topónimos corresponde a formas e processos muito intensos de organização do território. Não existe a terra sem nome e, muito menos, a terra de ninguém. Pode-se afirmar que não existe uma mínima parcela de solo que não tenha sido transformada, medida ou delimitada. Mais recentemente, as novíssimas plantações de vinha da casta Alvarinho têm sido a razão de transformação da topografia dos velhos socalcos, agora que existem meios mecânicos e tecnologias para o fazer, tal como não existe a necessidade de ter uma conformação do terreno adaptada à rega por gravidade tal como se fazia quando o milho se espalhava por todos os terrenos de cultivo onde chegava a levada, o *gírio* da água rigorosamente repartida pelas horas dias e noites de verão - tal como é referido pelo memorialista de Remoães nas Memórias Paroquiais do séc. XVIII: *as águas das ribeiras*

andam partidas desde o dia 18 de Julho até o dia 8 de Setembro (...) e neste tempo correm de noite para os ribeiros para moerem os moinhos, excepto à noite dos Sábados que se tem determinada para as terras que não tem quinhão de água. Outros tempos. Sem a água das levadas dificilmente se poderia imaginar esta terra (todo o Entre Douro e Minho, de facto) toda construída, armada em terraços, muros, regos..., tudo cuidadosamente arquitectado para que todos os campos tivessem rega no verão, o período mais intenso dos cultivos a que, entre outros, se ajustou o milho vindo das Américas no séc. XVI (também o feijão, as abóboras, quase tudo o que se produz na horta, a batata, os perús..). O grande mundo anda por cá há muito tempo.

A terra é muito mimosinha, dizia-me um vizinho natural da Gave que depois de muitos anos de França, tinha escolhido um terreno em Prado para fazer uma casa. Quem diz Prado, diz Remoães agora reunidas na mesma freguesia e aproximadas pelo traçado rápido da estrada nova que distribui novos cruzamentos e novas leituras do território e das relações.

A fotografia que abre este texto é a do cruzamento da capela de St. Amaro. Claro que quando se escreve, há sempre algo que acorda no pensamento de quem escreve. Brinquei muitas vezes no adro da capela, lembro-me muito bem de quem morava ali, dos familiares e vizinhos, da sineta da capela, do cruzeiro, velho e venerável, da fonte, do caminho para a escola, para a igreja, para o cemitério, para a Serra, Corredoura, Paderne ou para a Vila, para a Breia e Remoães, para o Monte de Prado, para os Bouços e para a capela de St^a Bárbara pelo Caminho Fundo onde havia um lavadouro e se levava o gado a beber. Quatro caminhos se cruzam aqui e muitas outras recordações e vidas. Os topos dos telhados, as casas, as janelas, olham para todos os quadrantes; misturam-se as casas completamente renovadas e habitadas com as que estão velhas e vazias como se o tempo fosse feito de sobreposições e simultaneidades e não de relatos lineares entre o que foi e o que é ou será. No ar cruzam-se fios em todas as direcções, como uma teia. Não vai longe o tempo em que aqui nem havia electricidade, nem telefone ou água canalizada. Ia-se à lenha, à fonte, aos campos, ao mato, fazer recados, levar ou trazer coisas. Esperava-se o carteiro, os que vinham passar o verão ou o Natal. Os carros de bois (eram vacas, de facto) chiavam a descer o caminho quando vinham carregados. Depois vieram os automóveis, os tractores, os camiões mas entretanto deu-se a debandada geral da emigração. O tempo longo da ruralidade ancestral,

dos trabalhos e dos dias organizados pelas estações do ano e pelo calendário do que se cultivava, das festas, da matança do porco, da vida de todos os dias ou dos momentos intensos, entrou numa metamorfose acelerada que até hoje não parou mais.

St. Amaro, o santo propriamente dito, não existiu. Ou melhor existiu e existe na imaginação e na fé que são duas das muitas formas que há de entender a existência. Um St. Amaro confunde-se com um discípulo de S. Bento com um nome parecido. O outro, o Amaro, diz a lenda que procurando o paraíso na Terra, passou por paragens estranhas, pelo mar *coalhado* povoado de monstros (diziam os antigos que no mar coalhado não cantava galinha nem galo), pelo Vale de Flores até que, através da porta de um castelo magnífico no cimo de uma montanha, avistou o Paraíso de onde trouxe um punhado de terra milagrosamente fértil que espalhou numa povoação que fundou. A versão mais antiga desta história (séc. XIV). está no Convento de Alcobaça. Existe um São Mauro, o dito discípulo de S. Bento, com quem o Santo Amaro partilha o dia oficial da festa. A presença dos monges beneditinos terá espalhado esta lenda e todos os prodígios nela relatados. Trazer terra do paraíso e espalhá-la num povoado é um gesto cujo significado é, para os crentes, o da terra abençoada, da terra que tudo produz assim o trabalho o consinta. Por terem sido tantos os tantos séculos em que quase tudo dependia do trabalho dos campos, da criação dos animais, dos matos, das árvores, do rio..., é natural que uma boa parte da natureza seja sobrenatural; se a isto juntarmos a importância dos beneditinos na organização do território depois do período da romanização, temos o cenário composto. Viva St^o Amaro, pois, e todos que aqui se cruzam (bem me lembro de certas histórias no tempo do contrabando em que a capela de St^o Amaro, por estar no caminho para o rio, servia de depósito de café enquanto o terreno não estava livre para se fazer a carga para a Galiza. Calhava de haver missa, a capela abria e o perfume era intenso - prodígios do santo).

A grande mudança que ocorreu no lugar de St. Amaro – em Portugal inteiro, afinal -, foi o fim da pré-modernidade, da agricultura familiar de subsistência, de uma sociedade e de um território mal distribuído entre fidalgos e morgados, agricultores remediados, poucos, e muitos caseiros e cabaneiros (quem só tinha uma cabana, uma pequena casa onde morar). Os ranchos de filhos, quando ricos, distribuíam-se pela carreira militar, eclesiástica, pelas mulheres solteiras que ficavam em casa, pelos que iam para o Brasil e outros destinos – tudo para que

a propriedade não se fragmentasse e, ao contrário, que através do morgado ou da morgada que casava com quem tivesse equivalência de bens, se acrescentassem os campos: *terra, quanta vejas, casa, quanto baste*, diz um ditado antigo. Quando pobres, fazia-se vida como se podia, arrendando terras, trabalhando à jorna, aceitando qualquer ofício de ocasião, emigrando, claro está. Na segunda metade do séc XIX já a emigração para o Brasil era intensa.

O fim da II Grande Guerra marcou um período de grande abertura para a Europa, para França, sobretudo, mas também para os EUA ou para o Canadá. A ditadura que então governava o país pensava que o tempo se podia parar e declarava a emigração clandestina porque fugiam os braços para trabalhar ou a carne para o canhão da guerra colonial; a maior parte nem a 4ª classe terminava; estudos era para quem podia. Não foi assim, felizmente. Começava a *desruralização*, uma palavra complicada para designar a desconstrução do mundo rural: da base económica fundada na agricultura de auto-subsistência; dos modos tradicionais de ver o mundo, as crenças, as tradições, os lugares de cada um na sociedade; e, por via disso, da paisagem que, antes do *Alvarinho*, passou por um período de *campos a monte*, do desaparecimento do milho e do gado.

Os efeitos das poupanças conseguidas pela emigração não se fizeram esperar. Muitos terras passaram de mãos; construíram-se muitas casas novas; animavam-se os verões das festas e bailaricos, de quem trazia outras coisas, outras ideias, outros falares. Entretanto houve a revolução do 25 de Abril de 1974 e começou um período acelerado de modernização: estradas, rede eléctrica, telecomunicações, água e saneamento, centros de saúde, escolas de todos os graus, museus, bibliotecas, equipamentos desportivos – em duas ou três décadas Prado, Remoães, Portugal inteiro, mudaram mais do que em toda a sua longa história. As vilas, sedes de concelho, conheceram uma centralidade como nunca tinham tido, especialmente devido ao investimento público; a nova edificação particular – a da emigração e as outras - acompanhou este surto. Foi, no entanto, o emprego público e alguns sectores como a banca (a pública e a outra) ou o pequeno comércio que cresceram.

O certo é que o investimento privado não acompanhou esta dinâmica. Contrariamente à ditadura da terra e do que a terra dava, hoje ou há emprego, fonte principal de rendimento que depois se prolonga pelas pensões e poupanças, ou é preciso procurar de que viver algures. A maior parte dos que emigraram viram os seus filhos e netos crescer

nos países de acolhimento e, a partir daí, organizarem as suas vidas. Os vínculos com a origem vão-se perdendo ou refazendo.

Prado e Remoães são o espelho desta autêntica revolução. Percorrendo casas onde vive gente regularmente, as que só têm ocupantes ao fim-de-semana ou em períodos específicos, as dos que aqui vivem mas trabalham algures..., verifica-se uma certa flutuação, um certo estado de indeterminação sobre aquilo que ainda há pouco era claro – quem eram os de cá e os de fora.

Hoje quase todos somos de cá e de fora e a vida organiza-se por laços e relações que nem sempre implicam a co-presença, a vizinhança ou a proximidade. A última família a chegar veio da desumanização da Venezuela. O último jovem que saiu para prosseguir estudos não fará a mínima ideia onde vai residir ou trabalhar e saberá que aí não será para a vida toda. A escola primária de Prado, fechou.

Os gestos que João Gigante fotografou são muito diversos: o apicultor, o sulfatador das vinhas, o agricultor, o arqueólogo, o gestor, o fisioterapeuta, o mecânico, o chapeiro, o pintor, o cozinheiro, o informático, o administrativo, o lenhador, a costureira e artesã, a horticultora, o construtor civil, o criador de animais, as aulas de equitação. Há gente e ambientes agrícolas, desportivos, há gente a jogar cartas, parques de campismo, uma sala da Junta de Freguesia, redes de balizas e redes de pesca, colmeias, vinhas, estradas, tanques de rega, mesas de bilhar, medas de milho, gestos cuidadosos para colocar toalhas rendadas no altar; estradas, muitas. Há também o rio, o Minho, a emoção do rafting, as velhas pesqueiras; uma fronteira permeável, pontes e viadutos; há uma levada de rega, um canário, a fotografia da torre do castelo na parede branca, caminhantes, cores, formas e texturas, estados de espírito, tudo o que o universo da fotografia é capaz de fixar, de dar a ver.

Há um cavalo branco junto de uma ruína moderna e há um homem, observando, entre uma escada para o coro (em caracol) e outra para o púlpito do pregador (pedras salientes na parede). Há uma linha de caminho-de-ferro mas é galega.

Com esta lista não acabada podiam tecer-se tantas histórias. Umberto Eco, o celebrado escritor, semiótico, ensaísta e tudo e tudo, escreveu um livro – *A Vertigem das Listas* – acerca da impossibilidade em conter o infinito do mundo, em organizá-lo num repertório de coisas e acontecimentos, em abarcar a multiplicação permanente da cultura humana. As listas organizam qualquer ordem ou desordem. Diferentemente

do universo da razão, da sistemática, da racionalidade científica, das taxionomias e ordenações, as listas tratam da proliferação, da possibilidade infinita em organizar sentidos e relações ou surpreender uma ocorrência, um caso furtivo na enxurrada contínua da realidade, de um todo que não existe.

Em Prado e Remoães, como em qualquer parte do mundo, também as coisas se organizam assim. Não podemos conter a imprevisibilidade do futuro ou a instabilidade do presente com os relatos rigidificados do passado e das suas histórias repetidas. Porque estamos em tempo de globalização intensa (não é isso que é a emigração?...), todas as migrações), é muito limitativo pensar a geografia contida num lugar, os acontecimentos ou as pessoas vinculadas a esses lugares como as pedras ou as árvores. Aquilo de que se queixa o apicultor é da vespa asiática (uma vespa que emigrou e que mata as abelhas produtoras de mel); o alvarinho faz parte do negócio instável e exigente do mundo do vinho; a filoxera veio com as castas americanas e os *kiwis* vieram da Nova Zelândia; a família está em França, no Porto ou nos Estados Unidos ou em Braga; existem lojas chinesas; vende-se de tudo pela internet; fala-se com o vizinho ou com amigos muito afastados pelo *Facebook* ou pelo *WhatsApp*. Estamos e não estamos aqui; mais ou menos, flutuamos.

Contudo, a geografia dos lugares não derreteu. Como na *internet*, todos os lugares podem ser *sites* – definem-se por conteúdos e só existem porque se relacionam. Como antes os caminhos que continua a haver, o que hoje se multiplicam são as relações, a facilidade de, virtual ou fisicamente, nos movermos, nos relacionarmos. No território mais fluído da geografia das relações, os vínculos, os sentimentos de pertença, os referenciais, o que quisermos chamar ao que responde pelo nome de identidade (devia ser plural e móvel), vai-se assim tecendo e refazendo.

O rio corre para o mar, como sempre. Pelo S. Lourenço, *vai à vinha e enche o lenço*.

PRADO. POPULAÇÃO E ESTILOS DE VIDA

ALBERTINO GONÇALVES

Ninguém é bom juiz em casa própria. Este texto, com uma carga subjetiva, é, assumidamente, um exercício de reflexividade. Nascer e ser criado em determinada freguesia não é berço inocente. Diziam os mais antigos que Melgaço era a Suíça de Portugal e Prado a sua sala de visitas. Talvez seja mais apropriado falar de uma encruzilhada. Sob o aparente sossego da paisagem, esconde-se um corrúpio de chegadas e partidas.

A circulação de pessoas explica, em grande parte, a resistência da freguesia à erosão demográfica que marcou o concelho de Melgaço desde a 2ª Guerra Mundial. Observa-se, no conjunto do concelho, uma quebra de 48.2% da população (17 798 residentes em 1950 e 9 213 em 2011). Ressalvando as freguesias da Vila e de Roussas, cuja população residente pouco se alterou, Prado foi a freguesia com menos desgaste demográfico (um decréscimo de 23.6%; 592 residentes em 1950 e 452 em 2011). Nas freguesias de montanha, a quebra foi de 67.8%: perderam, no conjunto, dois terços da população (Ver tabela 1). Como explicar o resultado obtido pela freguesia de Prado? Por pertencer à Ribeira? A Ribeira perdeu, globalmente, dois quintos da população (-38.1%). Por estar perto da Vila? A proximidade da Vila tem influência, embora as freguesias de Roussas e de Chaviães, também vizinhas da Vila, tenham observado tendências opostas: Roussas, que partilha a mancha urbana, mantém, praticamente, a população (decreceu 4.1%), enquanto Chaviães fica reduzida a menos de metade (-54.2%).

Freguesia	Ano							Variação
	1950	1960	1970	1981	1991	2001	2011	
Alvaredo	857	799	733	702	644	614	528	-38,4
Castro Laboreiro	1944	1941	1483	995	867	726	540	-72,2
Chaviães	841	896	648	601	511	431	385	-54,2
Cousso	716	756	760	609	364	361	294	-58,9
Cristóval	1263	1285	1002	834	667	619	528	-58,2
Cubalhão	379	431	438	363	264	209	156	-58,8
Fiães	1005	898	728	448	346	300	239	-76,2
Gave	710	735	753	509	388	280	237	-66,6
Lamas de Mouro	351	368	200	223	184	148	117	-66,7
Paços	917	837	883	554	479	379	317	-65,4
Paderne	2185	2168	2103	1738	1343	1235	1160	-46,9
Parada do Monte	968	1131	1075	821	620	487	370	-61,8
Penso	890	829	715	645	589	563	523	-41,2
Prado	592	621	605	583	538	468	452	-23,6
Remoães	222	224	191	169	140	124	98	-55,9
Roussas	1 154	1 263	1081	1043	1036	1139	1107	-4,1
São Paio	1334	1660	1368	995	720	639	602	-54,9
Vila	1470	1369	1162	1414	1318	1274	1560	6,1
Melgaço	17798	18211	15805	13246	11018	9996	9213	-48,2

Tabela 1. População residente por freguesia

De Prado, emigrou-se, até meados do século, para o Brasil. Algumas “casas de brasileiros” são testemunho. Mas esta emigração pouco efeito surtiu na evolução da população da freguesia na segunda metade do século XX. O que revolucionou Prado foi a emigração para a Europa, designadamente para França. Uma emigração massiva e, em termos nacionais, precoce. “Naquele tempo, o contrabando estava a passar por uma crise. Ouvia-se Fulano foi para França e Sicrano, também. Todos os dias, desaparecia gente” (entrevista). Saliente-se uma informação curiosa. Segundo os resultados de um inquérito administrado em 2003 aos residentes no concelho de Melgaço com sessenta e cinco e mais anos de idade, em Prado, 25% das mulheres entrevistadas foram emigrantes, contra 5.5% nas freguesias do Monte e 11.8% nas freguesias da Ribeira. Prado apresenta o valor mais elevado, seguindo-se Remoães com 20% e Paderne com 18.8% (ver Gráfico 1). Esta informação sugere que a emigração para a França contou, em Prado, com uma maior participação feminina.

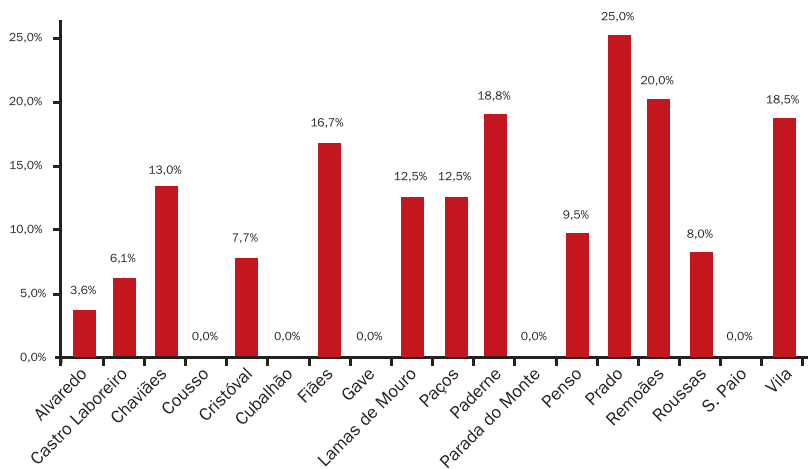


Gráfico 1: Ex-emigrantes entre as mulheres com 65 e mais anos residentes em Melgaço em 2003 (em %)

Consequência imediata da emigração foi a falta local de braços. Resentiram-se, sobretudo, os proprietários agrícolas, com carência de caseiros, jornaleiros e criados, categorias mais propensas à debandada. Prado possuía um número apreciável de quintas, pequenas mas produtivas. Neste contexto, chegou a realizar-se, na Vila, uma manifestação contra a emigração e a ineficácia da polícia.

Se faltam trabalhadores na freguesia, importa recrutá-los fora. Deslocaram-se famílias de caseiros dos Arcos de Valdevez, Paredes de Coura, Ponte da Barca, Vila Verde, Monção e Ponte de Lima. Prado tinha como argumento a qualidade do alojamento e a generosidade das parcerias. Por exemplo, a parceria do vinho subia de um terço para metade. Sentia-se esta afluência nas turmas da escola. Nas mercearias, fechavam-se os livros (de fiado) de quem partia e abriam-se para quem chegava. As novas famílias de caseiros tendiam, por seu turno, a emigrar: todos ou parte dos membros. No cômputo geral, parte expressiva dos residentes em Prado provém destas famílias em trânsito. Neste quadro, justifica-se conceber a freguesia como uma plataforma migratória.

A afluência de caseiros, sobretudo nos anos sessenta, não foi o único contributo no sentido do aumento da população. Acresce o fluxo proveniente das freguesias de montanha. Uma dezena de quintas foi adquirida, principalmente nos anos cinquenta, por pessoas oriundas de Castro Laboreiro, Fiães, Gave e Couso. Parece pouco, mas, se estimarmos em cinco a dimensão média dos agregados, obtemos 50 pessoas: 11.1% da população de 2011. Naturalmente, nem todas as pessoas provenientes das freguesias de montanha compraram quintas. A afluência de pessoas foi apreciável.

Faltam, ainda, dois movimentos populacionais decisivos:

A saída dos residentes para fora do concelho, designadamente para Lisboa, Porto e Braga. Uns para trabalhar, outros para prosseguir estudos. Regressam, mas em férias.

O segundo fluxo diz respeito ao regresso dos emigrantes, mormente nas décadas de setenta e oitenta. Foi um movimento que revitalizou a freguesia. A maioria regressou, alguns no âmbito do programa francês de apoio ao regresso, com uma idade compatível com o exercício de uma atividade económica. Parte substantiva da população de Prado é composta por ex-emigrantes.

O decréscimo da população de Prado, desde 1950, manifesta-se reduzido: 23,6% durante as seis décadas que desertificaram o interior de Portugal. Mas a evolução de uma população não depende apenas das migrações. Depende, também, dos nascimentos e dos óbitos, do saldo natural. O declínio da natalidade e a subida da mortalidade é, há décadas, uma realidade. Em Prado, bem como no concelho de Melgaço. A título de exemplo, entre 2009 e 2018, entre nascidos e falecidos, Melgaço perdeu 1 272 residentes, o equivalente a 13,8% da população em 2011. Parte da quebra da população de Prado deve-se ao movimento natural. Os fluxos migratórios, mais do que contribuir para o esvaziamento da população, contribuíram para a sua heterogeneidade, mormente no que concerne à origem geográfica. A heterogeneidade da população destaca-se como uma das características distintivas da freguesia.

Com tanta mexida e remexida nestas seis décadas, a freguesia de Prado não mudou?

A atividade profissional é um dos eixos do desenvolvimento e da identidade de uma comunidade. Em Prado, por volta dos anos sessenta, existiam, no mínimo, os seguintes ofícios: quatro mercearias, quatro tabernas, um café, um posto dos correios, uma padaria, padeiras, peixeiras, alfaiates, sapateiros, soqueiro, ferreiro, carpinteiros, pintores, músicos, meia dúzia de costureiras, contrabandistas, carteiro, fotógrafo, moleiro, latoeiro... Havia uma escola e um padre. Hoje, Prado tem um café, uma artesã, nenhuma mercearia e várias empresas enxertadas: Centro de Estágios, Pousada da Juventude, Hotel Monte de Prado, Centro de Atividade Ocupacionais, iniciativas equestres...

Nesta travessia, Prado descobre-se mais dependente do exterior, nomeadamente da Vila. Nos anos sessenta, já existia um número considerável de residentes na freguesia a trabalhar na Vila, sobretudo nas áreas da administração e do comércio. Paulatinamente, esta tendência acentuou-se.

Não há modo de escapar ao envelhecimento: em 2011, o índice de envelhecimento ascendia a 354.8 (149 pessoas com mais de 65 anos e 42 até 14 anos de idade). Menos do que no concelho (411.2) e mais do que no País (125.8).

As migrações, a alteração da atividade económica, a relação com a Vila e o envelhecimento da população alteraram a vida da freguesia de Prado. O resultado pode resumir-se nas seguintes palavras: afrouxamento dos laços sociais e esvaziamento do espaço público.

Os Bouços, o Terreiro, a Corredoura, Santo Amaro e a Serra eram lugares tradicionais de convívio: as pessoas passavam e, caso disso, estacionavam. Agora, os passos das pessoas foram cobertos pelo asfalto e substituídos por automóveis. Asfalto por todo o lado. Com os olhos postos nesses lugares de antiga pulsação, parece impossível que tenham transbordado de vida e de gente. O lugar da Corredoura constrange de tão vazio. A própria construção das últimas quatro décadas concorre para o isolamento: um arquipélago de moradias dispersas. E novos valores se consolidam: “Boa festa faz quem em sua casa fica em paz”. O cemitério oferece-se como o local onde é ainda é provável encontrar pessoas.

O lugar da Serra é emblemático. “Sala de visitas”, mas da freguesia.

À Serra acudiam todos os residentes, alguns demoravam-se. Com três mercearias, um café, uma taberna, uma alfaiataria, um sapateiro, o posto de correio, bilhar, matraquilhos e jogo de cartas era o centro comercial, lúdico e social de Prado. O cruzeiro, não havia hora que não tivesse clientela: jovens e velhos, de perto e de longe, de todas as condições. Resta um café recente. A população da Serra encolheu: uma vintena de moradores distribuídos por uma dúzia de casas, algumas, por sinal, grandes. “Centro da freguesia”, a Serra era, nos anos sessenta, o mais “aburguesado” dos lugares. Abrigava funcionários públicos, comerciantes e proprietários agrícolas. Nenhum operário ou trabalhador rural. A Serra resume-se, hoje, a um lugar de passagem de automóveis apressados rumo a Paderne, à Vila e ao mundo.

A própria agricultura, pressupostamente tradicional, cedeu aos ventos da mudança. Renovou-se. O alvarinho substitui o milho e as quintas tornam-se empresas. Já não há a cooperação compulsiva da lavoura de Maio. As famílias de agricultores juntavam-se, cada uma como podia, para lavar os campos. Hoje, as famílias, as tarefas e os recursos são outros...

O que aconteceu em Prado, em termos de população e de estilos de vida, ocorreu em inúmeras localidades em Portugal e na Europa. São ventos que passam, rodopiam e não voltam.



Figura 1. Lugar da Serra. Prado, Melgaço. Por volta dos anos 1950

TÍTULO

QUEM FICA

AUTOR

JOÃO GIGANTE

DESIGN

JOÃO GIGANTE

TEXTOS

ALBERTINO GONÇALVES

ÁLVARO DOMINGUES

GRÁFICA

PLANOZEN

TIRAGEM

300 EXEMPLARES

DATA DE IMPRESSÃO

20 / 07 / 2019

EDIÇÃO

UNIÃO DE FREGUESIAS DE PRADO E REMOÃES

COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO

MDOC - FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIO DE MELGAÇO

DEPÓSITO LEGAL

458962/19

ISBN

978-989-54416-1-7

